

## **A CASTRAÇÃO E O TEMPO**

**Autora: Renata Lucindo Mendonça**

**Psicóloga, aluna do Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais, pós-graduada em saúde mental e psicanálise**

**E-mail: renatalucindopsi@yahoo.com.br**

**Resumo:** Este texto busca avaliar a relação entre o tempo e a constituição do sujeito, do que se trata o inconsciente atemporal e como pode ser o manejo do tempo em uma análise.

**Palavras-chave:** tempo, inconsciente, castração, Natureza, Civilização, sujeito.

## **CASTRATION AND TIME**

**Abstract:** This text seeks to evaluate the relation between time and the constitution of the subject, to make considerations on the timeless unconscious and how can time be managed in analysis.

**Keywords:** time, unconscious, castration, Nature, Civilization, subject.

## **A castração e o tempo<sup>1</sup>**

**Renata Lucindo Mendonça**

Freud, no texto “Sobre a transitoriedade” (1915), apresenta a marca da castração: o tempo não é infinito, “o valor da transitoriedade é o valor da escassez no tempo” (Freud, 1915, p. 317). Através das várias mortes — seja a do corpo, ou a que se experimenta cotidianamente, pelo final da infância, entrada na puberdade e o próprio envelhecimento —, percebemos a morte do tempo. Não há uma linha infinita do tempo, a eternidade só se apresenta nos amores da ficção.

Freud, nesse texto, relaciona a angústia de seus amigos, sobre o fim da beleza da natureza, ao luto. Mesmo que tenhamos as mudanças de estações e que estas se renovem durante o ano, **Primavera, Verão, Outono Inverno... e Primavera,**<sup>2</sup> o tempo se vai, se escoia, se apresentando finito em cada uma delas.

A natureza não percebe a sua finitude. Somente a partir da cultura, da linguagem, que o tempo pode colocar em jogo a castração. O luto não era feito pela natureza, mas pelos amigos citados por Freud. No mundo diferente do Natural.

Apesar de o tempo ser finito, colocando em jogo a castração, demonstrando o luto apresentado nesse texto, Freud reconhece o inconsciente como atemporal, não fazendo parte de uma linha finita, nem infinita. O Inconsciente não reconhece o tempo.

O que isso, o inconsciente atemporal, pode querer dizer, já que o tempo está relacionado com o luto, com a castração? E como isso se dá numa análise, já que esta se desenvolve pelo manejo do tempo?

### **A constituição do sujeito**

O nascimento de uma criança não dá a ela o *status* de sujeito, ela nasce como um “pedaço de carne”, podendo ser comparada a um pequeno animal, estando na ordem da necessidade, da Natureza, e não da Cultura. A criança, nesse momento, não se dá conta do mundo à sua volta, nem de si mesma e muito menos do tempo. Está assujeitada ao Outro, e o tempo está para ela como está para o animal, para a natureza.

O Outro (representado pela mãe ou um substituto) interpreta as necessidades da criança; como ocorre no caso de sentir fome, quando lhe é oferecido o seio. O apaziguamento da tensão causada pelo organismo provoca satisfação à criança, deixando marcas psíquicas no seu inconsciente. A necessidade torna-se demanda a partir do Outro, que a transforma em pedido, caracterizado pelo grito.

Nesse momento, a mãe instaura na criança um outro tipo de dependência diferente da do organismo, da necessidade. Havendo uma dependência simbólica, junto com o seio vai o olhar, a voz, dando ao Outro o lugar de “tesouro dos significantes”, detentor dos códigos, pois, além do alimento dado ao organismo, a mãe deve alimentar a criança com os códigos do mundo, incluindo-a no mundo da Cultura, da Civilização.

Essa operação é chamada por Lacan, no **Seminário XI**, de alienação e separação; a criança só se torna sujeito pela retirada de um significante, um traço, S1, que possa fazer a cadeia dos significantes S1, S2...Sn deslizar, tendo como produto a perda de gozo (a).

A operação de alienação e de separação constitui-se sobre o DM (Desejo da Mãe). Na primeira operação, o bebê se torna objeto fálico da mãe; tamponando, supostamente, a falta no Outro. O Outro, nesse primeiro momento, “é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem de aparecer” (LACAN, 1963/64, p.19). E é a partir do “vel da primeira operação essencial” (LACAN, 1964, p.199) que se funda o sujeito do inconsciente, pois é necessário que ele esteja alienado ao Outro, recebendo os significantes necessários para que entre no mundo dos códigos.

A partir da retirada de um significante é que se funda o inconsciente, havendo uma substituição de significantes: “uma metáfora, [...], é um significante que surge no lugar de outro significante.” Isto é: “o pai é um significante que substitui outro significante” (LACAN, 1957/58, p.180) — o materno.

Essa operação se dá a partir do discurso do Outro, nas hiências, nas faltas, naquilo que a criança não pode responder sobre o desejo do Outro, sobre o DM, tornando-se um enigma para a criança. Essa é a segunda operação, chamada por Lacan de separação. A pergunta “O que o Outro quer?” instaura uma falta no Outro e no próprio sujeito, causando uma interseção, uma perda de gozo, uma produção.

Essa retirada é descrita por Freud no que ele chamou o Complexo de Édipo: em um primeiro tempo, a criança é assujeitada ao Outro materno, como objeto da mãe, “a criança é dada à mãe como substituto, ou mesmo, equivalente do falo” (LACAN, 1956/57, p.174). Essa relação não é com a mãe, mas com o Desejo da Mãe (DM).

No segundo tempo, o pai intervém efetivamente no plano imaginário, priva a mãe da reintegração oral de seu produto, “é na medida em que o objeto do desejo da mãe é tocado pela proibição paterna que o círculo não se fecha completamente em torno da criança e ela não se torna, pura e simplesmente, objeto do desejo da mãe” (LACAN, 1957/58, p.210).

No terceiro tempo, o pai se apresenta como aquele que detém o falo, revelando-se como aquele que o tem e não aquele que o é. Sendo transmissor, doador, do mesmo. Aquele que permite que se faça uso do falo.

O Complexo de Édipo descrito por Freud é representado pela operação da Metáfora Paterna construída por Lacan, e é nessa circunstância que se instaura o sujeito do inconsciente, havendo o recalçamento das ideias.

Esses primeiros traços, essa primeira “experiência de satisfação” apresentada pelo Outro para a criança, que são os processos inconscientes indestrutíveis e invulneráveis, “nada é passado nem esquecido”. O sujeito repete em atuação o que deveria ser escutado, sendo essa descoberta freudiana estrutural para a psicanálise. Freud demonstra-nos que, nos primeiros anos de uma criança, as primeiras experiências não se perdem jamais, sendo apenas ressignificadas e repetidas. As satisfações pulsionais experimentadas pelo bebê fazem parte da constituição do sujeito.

Essa repetição, isso que permanece para sempre na vida de um sujeito, é que se chama de atemporal, sendo o inconsciente aquele que não reconhece o tempo.

### **O lugar do tempo nas estruturas e sua manobra**

Apesar das experiências de satisfação que se repetem, desses traços que permanecem como indestrutíveis e invulneráveis, há um tempo para que aconteça essa operação, um tempo de alienação e separação, um tempo para se darem os três tempos do Édipo.

Freud demonstra, nos textos “A organização genital infantil” (1924) e “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905), que os primeiros anos de uma criança são fundamentais para a sua vida adulta. E é com referência aos acontecimentos psíquicos da infância que se dá a relação do sujeito com o Outro.

É nos primeiros anos de vida que se estabelece como o sujeito vai-se relacionar com o mundo, lidar com o Outro, como ficará articulada a sua relação com o objeto *a*. A forma como cada sujeito lida com a castração e sua relação com o Outro é dividida em três estruturas: Neurose (colocando um véu sobre a castração), Perversão (desmentindo a castração) e Psicose (não ocorrendo a castração).

Na psicose, fica clara a importância do tempo para a estruturação psíquica do sujeito, pois a Operação da Metáfora Paterna não ocorre, perde-se o tempo para a retirada do significante mestre, perde-se o tempo para que ocorra a interdição do pai. Na psicose, tem-se a forclusão do Nome-do-Pai. Forclusão, termo utilizado

pela lei que significa prescrever: “ficar sem efeito por ter passado do prazo legal, esgotamento de prazo” (HOUAISS, 2003, p.416). Passado o tempo, é impossível a realização da metáfora paterna. Esse é um tempo singular, mas que ocorre de maneira cronológica. Após os primeiros anos de vida, a operação que não se deu se perde para sempre, impossível de se realizar.

Na neurose, o que se observa é a manobra do tempo, utilizando-o de modo distinto, tanto na histeria quanto na neurose obsessiva. Na primeira, surge a antecipação do tempo e, na segunda, a procrastinação do mesmo. As duas manobras são formas para a não realização do desejo, para encobrir a castração. A histeria com a insatisfação e a neurose obsessiva com a impossibilidade.

Pode-se concluir que, para o inconsciente, existem duas formas distintas de se pensar o tempo: o tempo inexistente no funcionamento do inconsciente (atemporal) no que se refere às pulsões, aos traços de satisfação repetidos durante a vida do sujeito; “nada é passado nem esquecido”. E o tempo de se estabelecer a vida psíquica da criança, reconhecido, por Freud, nos primeiros anos de vida da mesma, que faz com que o sujeito faça uma manobra do tempo para não se haver com a castração, ou, então, o tempo prescrito, foracluído, para a constituição do inconsciente, sendo esta a psicose.

### **O tempo em análise**

A análise não prescinde do tempo, utiliza-se dele sem renunciar ao conceito de inconsciente atemporal descrito acima, mas verificando os modos de gozo do sujeito apresentados pela manobra do tempo, além de investigar a foracclusão do Nome do Pai, concluindo se foi possível ou não a operação da metáfora paterna.

A utilização do tempo, na análise, se dá de forma distinta, pois este só é contabilizado no caso a caso, na singularidade. Não leva em conta a duração do tempo cronológico, mas o surgimento do sujeito inconsciente e suas formas de gozo, pois “o inconsciente não conhece o tempo. Já a libido, ao contrário, o conhece” (MILLER, 2000, p.29), sendo necessária, no tratamento analítico, uma perda de gozo para que possa advir o desejo.

Na clínica, o sujeito do inconsciente é escutado através dos sintomas, dos sonhos, chistes, atos falhos... no susto. No **Seminário XI**, Lacan diz do inconsciente como algo que pulsa; na pulsação, surge o sujeito “de um movimento que só se abre para tornar a se fechar, numa certa pulsação temporal” (LACAN, 1963/1964, p.121) — de um salto, entre dois significantes.

O sujeito (barrado) é demonstrado, então, espacialmente, entre os significantes, no intervalo de S1 e S2. Diz-nos Miller, em **A erótica do tempo**, que

se trata de um “ordenamento temporal da cadeia significativa”, afirmando que o sujeito (barrado) está “entre o significante passado e o significante futuro, entre o significante de antes e o significante de depois”, apresentando-se “fugaz, evanescente, que é efetivamente um status temporal do sujeito” (MILLER, 2000, p.63).

Cabe ao analista, pela sua presença, fazer existir o sujeito do inconsciente, o sujeito do desejo que surge na hiância, no intervalo. A forma como o analista maneja o tempo tem relação com a singularidade de cada um, tendo como referência a estrutura apresentada por este.

Na psicose, o analista apresenta-se como secretário do sujeito, surge como um organizador do tempo. Como exemplo disso, tem-se o trabalho em instituição, onde se estabelece uma rotina, uma prática constante que ordena o tempo e conseqüentemente organiza o sujeito psicótico.

Na neurose, o analista, numa posição de causa de desejo, sustenta a transferência, questiona os significantes mestres, as identificações, fazendo um giro no discurso do mestre para o discurso da histórica, possibilitando a perda de gozo para que possa surgir o sujeito do desejo.

Utiliza-se da manobra do tempo feita por cada sujeito, transformando o não dito em dito, dando voz ao sujeito do inconsciente, transformando a atuação do sujeito, através da escuta, em textos para serem lidos. Ajudando o analisando a produzir os seus próprios significantes, a inventar uma forma, um “*savoir faire*” com aquilo que é indestrutível e invulnerável, com o atemporal. Através do consentimento da castração, tornar-se um sujeito desejante. Não num tempo linear, de sessões curtas ou longas, mas em sessões de um tempo preciso, pontual para o sujeito.

#### **Referências:**

FREUD, S. (1916/1996). “Sobre a transitoriedade”, In: **Obras Completas de Sigmund Freud**, Rio de Janeiro: Imago, v. 14, p.315-319.

FREUD, S. (1923/1996). “A organização genital infantil”, In: **Obras Completas de Sigmund Freud**, Rio de Janeiro: Imago, v. 19, p. 155-157.

FREUD, S. (1905/1996). “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, In: **Obras Completas de Sigmund Freud**, Rio de Janeiro: Imago, v. 07, p. 119-218.

HOUAISS, Antonio e VILLAR, Mauro Salles. **Houaiss Minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

LACAN, J. (1963-64). **O seminário. Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, J. (1957-58). **O seminário. Livro 5: As formações do inconsciente.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. (1956-57). **O seminário. Livro 4: A relação do objeto.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MILLER, J. **A erótica do tempo.** Rio de Janeiro: Latusa, 2000.

---

<sup>1</sup> Texto produzido para a Jornada Interna do Módulo III do Curso de Psicanálise do IPSM-MG.

<sup>2</sup> Filme dirigido por Kim Ki-duk, utilizando as estações do ano para representar os vários momentos da vida do personagem (Produção: Coreia do Sul/Alemanha, 2003).